



GÊNERO: AS VERTENTES SOBRE O OLHAR DE DISCENTES HOMENS DURANTE SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Tatiane Cristina Dragoni¹
Gleice Ély da Silva Santos²

Resumo:

O presente artigo teve como objetivo conhecer e compreender as percepções de alunos homens que estão cursando Licenciatura Plena em Pedagogia perceber quais são os pontos de vista desses alunos em relação ao seu processo de formação. Complementarmente, pretende-se também identificar os fatores da escolha do curso, pelo qual o curso corresponde à predominância do gênero feminino, assim investigar seus principais desafios, e as perspectivas depois de formados. A temática para estudo: homem na pedagogia foi estabelecido, pela relevância no qual acreditamos, e que num conceito cultural e social é uma profissão historicamente para mulheres, assim compreender o motivo de alguns homens por optarem o curso. No desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas logo foi utilizada como métodos a pesquisa qualitativa e quantitativa. Nesse processo foram selecionados alunos tendo como critérios serem do sexo masculino. Apresentaremos também os resultados e conclusões da pesquisa realizada sobre o olhar destes alunos que nos proporcionou para o desenvolvimento da pesquisa, com destaque para a afirmação que não se sentem deslocados ou discriminados por fazerem esse curso, dentre outros.

Palavras-chave: Alunos Homens, Curso Pedagogia, Gêneros.

1. Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer e compreender as percepções de alunos homens que estão cursando Licenciatura Plena em Pedagogia, de modo a observar quais são os pontos de vista desses alunos em relação ao processo de formação e identificar os fatores da escolha do curso. O curso ao qual tem predominância o gênero feminino, Sayão (2002,

¹ Universidade Federal de Mato Grosso; email: tatydragoni@gmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso; email: gleiceely2286@gmail.com



p.1) “há aproximadamente 94% de mulheres que atuam na docência na educação pré-escolar no Brasil. No entanto, embora em um número bastante reduzido - em torno de 6% - constata-se a presença de homens atuando como docentes”. Assim analisar sob os olhares dos alunos participantes da pesquisa quais foram seus principais desafios, preconceitos, dificuldades, superações e suas perspectivas ainda durante a sua formação e respectivamente depois de formados. O grupo escolheu como temática, “homens na pedagogia”, pelo motivo de ser uma profissão historicamente de maior representação cultural do gênero feminino. Levando em consideração a associação de papéis/funções, ou seja, a mulher é representada como “cuidadora” por ser muitas das vezes a representatividade maternal de cuidado e zelo.

Buscamos assim compreender o motivo de alguns homens optarem pelo curso de pedagogia. No desenvolvimento desta pesquisa foi estabelecido como critério que todos os entrevistados fossem alunos do sexo masculino. Foram utilizadas também como métodos à pesquisa qualitativa e quantitativa, as perguntas realizadas forma sistematicamente semiestruturada. Abriu-se a possibilidade dos entrevistados se sentissem seguro acerca da entrevista, de modo a obtermos respostas adequadas em relação à temática proposta aos participantes da pesquisa. Foram selecionados quatro alunos para o desenvolvimento da pesquisa.

2. O olhar de alunos homens na pedagogia e sua representatividade

Nos últimos anos a representatividade quadro/quantidades de alunos homens no curso de pedagogia vem chamando atenção. O principal fator que se nota é em presença do gênero feminino que tem uma predominância expressiva na procura do curso e participação no mesmo. No entanto homens estão “invertendo” esse quadro, pode-se dizer que mesmo sendo num processo lento e de oscilação. È perceptível essa ideia que podem ser analisadas e observadas, através de lista de alunos matriculados nos processos de inserção no curso de pedagogia. Mas afinal o que está levando homens a cursar um curso que culturalmente é associado a mulheres? Quais são os fatores que levam em consideração para ingressarem no curso, o concluírem? Quais são suas perspectivas durante o seu processo formativo e de atuação profissional?



Esses princípios chamam atenção pelo que o curso representa culturalmente num senso comum, ou seja, o curso possui um aspecto de formulação ao qual podemos situar como sistema de papéis. A mulher, em especial, tem como característica de cuidadora, embora na atualidade a mulher seja vista com maior autonomia seja elas como liberdade de expressão e maior autonomia em suas decisões num contexto geral. Ainda existe aquelas suposições que a mulher é uma representatividade maternal e com sua naturalidade tenha um “espírito” de proteção e cuidado. Segundo Venturini, (2013, p.5), “essa é uma questão histórica e cultural, a atribuição da educação se deve ao universo feminino, carregando as marcas culturais da maternagem, ou seja, as marcas culturais do feminismo”. Conforme esse embasamento a pesquisa que foi realizada procurou entender os fatores da representatividade do homem na pedagogia e como esses futuros pedagogos vê o curso e desta maneira compreender as suas dificuldades iniciais e adaptações ao longo da sua formação. Por meio dessas tendências situadas e o entendimento de variantes. Estudos contemporâneos abordam as questões de gêneros no curso de pedagogia mostrando assim a sua relevância e demonstrando claramente que a escolha se deve muitas das vezes aos aspectos preconceituosos. Um desses apontamentos realizado com a temática feminização em educação infantil onde trás uma tabela da representação de ingressos por gêneros no curso normal superior do ISERJ no período de 1999-2007, ao qual mostra que 86% desses alunos correspondem ao gênero feminino.



**INGRESSO POR GÊNERO NO CURSO NORMAL SUPERIOR DO ISERJ
PERÍODO 1999-2007**

ANO	FEMININO		MASCULINO		TOTAL
	Matrícula	%	Matrícula	%	
1999	177	89	22	11	189
2000.1	227	95	12	05	239
2000.2	072	90	08	10	080
2001	089	89	11	11	100
2002.1	091	91	09	09	100
2002.2	086	86	14	14	100
2003	179	89	21	11	200
2004	158	79	41	21	199
2005.1	075	74	26	26	101
2005.2	092	76	29	24	121
2006.1	099	82	21	18	120
2006.2	097	81	23	19	120
2007	188	94	12	06	200
TOTAL	1630	86	249	14	1869

Fonte: Ângela Maria Venturini (2013)

Na tabela 1 podemos analisar que houve uma grande oscilação na quantidade de alunos do gênero masculino, e que nos anos de 2004 e 2005 ocorreu o maior ingresso de homens no curso. Lembrando que esses dados foram retirados de uma relação de ingressos por gêneros no curso normal superior do ISERJ conforme a pesquisa realizada no ano de 2013 por Venturini. Dentre os diversos apontamentos levantamos uma das hipóteses mais consideráveis na perspectiva voltada ao curso e aos olhares dos alunos homens na pedagogia, é a hipótese redução do preconceito entre os homens. Destes ideais Bourdieu cita que;

“[...] quando um homem ocupa uma profissão considerada feminina, duas situações opostas podem ocorrer: além do fato de que o homem não pode, sem derrogação, rebaixar-se a realizar certas tarefas, socialmente, designadas como inferiores, entre outras razões porque está excluída a ideia de que ele possa realizá-las; as mesmas profissões podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis quando realizadas por mulheres, Bourdieu (1999, p.75).

Assim, denotamos que muitas das vezes os motivos que são “justificáveis” aos olhares dos homens na pedagogia, é o fator temor da profissão e sua representatividade. Entretanto os participantes da pesquisa mostraram ser otimistas em relação a preconceitos. Eles procuraram de certa forma não olhar para as questões voltadas ao preconceito que sofreram ou sofrem, apontaram suas decisões na escolha de cursar a pedagogia e seus ideais em relação à



profissão. Num desses pareceres o entrevistado K.M ao ser perguntado sobre como é um homem na pedagogia na opinião dele/individual, respondeu de forma muito tranquila “É um guerreiro disposto a superar preconceitos, e barreiras, pelo propósito de ensinar”. Em outro momento K.M ao ser perguntado se já havia sofrido algum tipo de preconceito por cursar pedagogia, mais uma vez respondeu tranquilo e flexível “Sim, homens e também mulheres de fora da universidade, acreditam que o fato de ser pedagogia, é um curso de mulher, e até mesmo que não compensar”. Assim podemos notar que a desvalorização é um dos motivos que muitos prezam na escolha do curso. Conforme os depoimentos e visando os mais diversificados pontos de correlação de alunos homens e seu processo de formação no curso de pedagogia. Eles levam em constante apreço sua dedicação e profissionalidade como um futuro pedagogo. Nesse particular podemos concluir que a formação profissional, está ligada a capacitação de uma atividade a ser exercida.

No enquadramento da profissionalização a preocupação de exercer um bom trabalho e com dedicação é visivelmente postas por esses alunos, a fato de muitas vezes achar que um homem na pedagogia não tem nenhum comprometimento e dedicação. Tal entendimento é extremamente sem nexos e sem fundamento conforme verificamos no decorrer desta pesquisa. O apreço e a identificação com o curso, fez com que K.O não desistisse do curso de pedagogia, K.O foi o único entrevistado já formado em pedagogia a relatar que ao ingressar no curso sem intenção alguma acabou se identificando. Sobre o tema assim se expressou:

(...) no primeiro ano eu pensei em desistir de fazer a pedagogia, mas é a palavra apaixonar é muito estranho, mas eu me identifiquei com o curso, identifiquei com o curso com as discussões com as matérias perspectiva de tentar entre (aspa tentar) mudar o futuro e por isso eu entrei na pedagogia.

Ao contar um pouco da sua história e qual foi o motivo da inserção na pedagogia K.O relata que foi a sua mãe que o incentivou, pois a mãe tinha um desejo de abrir uma creche e desta forma K.O acabou fazendo pedagogia com intuito de ajuda-la. Porém ainda no primeiro ano de curso à mãe de K.O acabou desistindo de abrir a creche, neste momento como descreveu, surgiu uma dúvida em relação ao curso. Pensou em desistir, mas a identificação com as matérias como já citado, se tornou uma motivação a mais para concluir o curso. Nas



determinadas perspectivas sobre a pedagogia ainda quando cursava K.O, também cita que quando entrou para cursar pedagogia se surpreendeu, pois vinha de uma formação anterior, e a norma técnica para realizar um trabalho o assustou no primeiro momento. Nunca havia entrado em contato com essas normas, como, por exemplo, as da associação brasileira de normas técnicas (ABNT). Por isso teve que se dedicar ao máximo. K.O com um semblante de constante relembração, faz uma declaração sem se colocar apenas como um homem na pedagogia, mas como qualquer outro que ao entrar num curso, os docentes acreditam que os alunos já dominam as técnicas etc. Por isso, o aluno necessita aprender forçosamente a dominar esse contexto.

“a minha maior dificuldade foi isso, regras da ABNT como fazer uma pesquisa eh eh o aluno queira ou não o aluno vem cru desse ensino médio e aqui tem que aprender na marra... na marra porque os professores acham que esses alunos vem preparado, não vem! A minha primeira dificuldade foi ai”.

A dificuldade acaba influenciando o desenvolvimento no processo de formação. Alguns alunos homens na pedagogia que estiveram presentes no desenvolvimento da pesquisa se mostraram que ao iniciar o curso tiveram extremas dificuldades, K.O cita outras dificuldades que teve em relação à disciplina. Certa ocasião que necessitou ir a uma creche a interação com a criança se tornou complicada, uma vez que os olhares acabam afetando o pessoal, olhares de desconfiança por ser homem.

“Quanto às matérias as dificuldades das matérias elas só foram às matérias, por exemplo, pedagogia da infância! precisei visitar uma creche, foi muito complicado porque as professoras é sempre tem um pé atrás pra liberar a presença de um homem pra fazer observação”.

E nesse ponto que o preconceito se mostra mais evidente e que existe num grupo representativo entre os próprios profissionais pedagogos. Por ser homem houve um olhar diferencial, mas que mesmo sabendo disso K.O, por exemplo, não se abalou e agiu com naturalidade, do mesmo modo que os outros entrevistados não se mostram preocupados com o fato ser homem num curso que culturalmente é feminina, os mesmo procuram desmistificar a problematização de gêneros no curso de pedagogia, preferem se sentir indiferente em relação à predominância de gêneros e não estereotipar o curso e a profissão docente. Ao conteúdo do



processo formativo, segundo Hanoré (1980, p.19) “o conceito de formação é geralmente associado a alguma actividade, sempre que se trata de formação”. Isto posto evidencia o que se percebe através dos argumentos diante da perspectiva de exercício da profissão de cada aluno entrevistado. Até aquele momento durante as entrevistas o dizer que “fui tratado com uma igualdade” foi citada de forma unânime pelos alunos, mas uma vez reforça que ao se adaptar e no passar de entender melhor o curso e a formação, o senso comum retornado a gêneros ficam de lado para esses alunos.

A adaptação é primordial para interagir com o meio, e em media a adaptação dos participantes da pesquisa foi extremamente rápido e fácil, cada um usando sua estratégia de envolvimento e intelectualidade. O período de adaptação tem uma junção com a duração do curso, o curso de licenciatura em pedagogia tem em media uma duração de quatro anos, e esta observação é importante pela seguinte razão; os alunos expôs a dificuldade para conciliar faculdade e trabalho, algo que chamou a atenção, pois nessa conjuntura de hipóteses não havia sido levantada, razão ao qual nos surpreendeu. K.M disse que a maior dificuldade foi “Conciliar o trabalho com o tempo para realizar as atividades e ler os livros”. Fora isso até o momento não sentiu tantas dificuldades K.M é aluno do primeiro ano do período matutino ingresso no ano de 2015. A.L aluno do terceiro ano do período vespertino, posteriormente se mostra mais experiente e fascinado pelo curso, em seu depoimento faz uma apreciação a respeito do curso, e a preconceitos enfrentados e o seu ponto de vista na correlação do curso.

(...) Sofri um preconceito social, até mesmo por familiares. Por ser homem, algumas pessoas, não compreendem a minha escolha. Dentro da própria faculdade existem olhares limitados que nos julgam de forma indiferente (K.M).

A.L comenta sobre sua concepção, envolto ao assunto do gênero masculino no curso de pedagogia, no qual argumenta que o homem na pedagogia tem um olhar diferenciado aos que muitos pensam e julgam assim se expressa dizendo:

“Olhar cuidadoso e amoroso. Temos a intencionalidade de educar e para isso precisamos ter sensibilidade, carinho, e compromisso. A nossa visão é sem machismo, eu diria”.

Por conseguinte A.L expressa que no andamento do curso, ele vê a pedagogia para homens como um curso qualquer, e que não deveria haver diferença por ser pedagogia, isto se



da à adaptação e a seus novos conceitos pelo curso. Pois quando iniciou o curso se sentiu no lugar errado, por ser pedagogia “Sim, me senti pois é culturalmente visto como curso de mulher. Pensamento equivocado mas estereotipado”. Houve este pensamento por considerar que ao ingressar no curso não existia nenhum entendimento a respeito, em sua fala A.L relata que “Não tinha perspectiva, pois ao entrar eu não sabia o que era realmente pedagogia. Só compreendi e entendi sobre depois que entrei e comecei a cursar”.

Porém a adversidade se torna alarmante, quando se observa que no início do curso o número de alunos do gênero masculino é expressivamente pequeno, ao qual nos remete a ideias que; por muitas das vezes passam a acreditar que existe “diferença” a valores de gêneros, ou seja, acaba existindo certo preconceito no próprio olhar de alguns homens em relação à profissão. Logo entendeu-se que ao término do curso provavelmente o número será muito menor. Ainda embasado nos conceitos de formação podemos reprimir que os olhares de muitos homens e mulheres também incluem no aspecto econômico, as profissões mais procuradas são aquelas que geralmente são mais atrativas, ou seja, aquelas mais rentáveis, pensamento ao qual nos remete para a escolha de profissão de ambos os sexos. Assim sendo a compreensão para melhor encaixe ao qual foi citado seja econômico, cultural ou educacional, mas que represente noções dominantes à profissão.

Nos decorrentes princípios e ideias a conexão de profissão e gênero na pedagogia é de fundamental importância, uma vez que o ponto de vista no meio social num geral retrata que a pedagogia não é uma profissão devidamente valorizada, sendo assim a demanda acaba sendo predominada por um gênero especial. No contexto histórico e cultural a pedagogia por ser um curso de maior relação a mulher, pois novamente reprimamos a associação à dedicação e cuidado com as crianças, pelo instinto maternal, nesses aspectos mais uma vez citamos que; muitos homens acabam não olhando a área de pedagogia, tendo este pouco interesse por homens, logicamente é um ponto pré estabelecido na sociedade com num senso comum.

Para quebrar esse tabu do senso cultural, a pedagogia vem se abrindo cada vez mais, e deixou de ser aquela área que é só se dava à criança, a educação infantil, hoje a pedagogia é um leque de opção para se exercer, é aí exatamente no leque de opção que os alunos homens que optaram pelo curso acaba continuando seu processo de formação. Voltado a esse leque o aluno K.O ao qual situamos várias vezes relata que teve como decisão de continuar seu



processo formativo por esse fator o (leque de opção). K.O o pedagogo a qual podemos denomina-lo como aluno ate então, pois apesar de possuir a formação, não leciona optou em prosseguir a sua formação continuada, a qual K.O cursa mestrado em educação na área de história e educação, na Universidade Federal de Mato Grosso, no entanto sua posição diante da entrevista demonstrou que naquele momento não tinha interesse em lecionar e com expressão de questionamento e duvidas, percebeu-se ate então que não havia possibilidade naquele momento.

(...) hoje no dia da entrevista, não sei te responder, não sei te responder, ate porque é depois da graduação de pedagogia e titulo de mestre tem leque de oportunidade então não sei a qual vou seguir a qual me interesse hoje eu não sei, mas que vai abrir muitos caminhos com titulo de mestre vai isso é verdade.

Os olhares dos homens na pedagogia, aos quais participaram das entrevistas decorrentemente foram em diversos momentos citado o fator profissão a carreira profissional e suas escolhas e decisões voltadas ao curso, os quais demonstraram novamente a existência do tradicional preconceito. Deduz nessa linha de pesquisa que ao andamento do curso, os alunos mudaram radicalmente suas visões em relação à pedagogia e as questões de gêneros como situado em diversos momentos. Desta maneira se entende que segundo García (1999, p. 22): “[...] a formação de professores representa um encontro entre pessoas adultas, uma interacção entre formador e formando, como uma intenção de mudança. Desenvolvida num contexto organizado e institucional mais ou menos delimitado [...]”.

Assim labutar com as diversidades complementa o andamento sobre o desenvolvimento formativo, e as circunstâncias no comportamento do aluno, durante o decorrer do curso, os conteúdos específicos aplicados nas diversas disciplinas como, por exemplo, um módulo que é composto por disciplinas que envolva maior contato com a criança na prática acaba afetando diretamente o comportamento a preocupação do discente, e logo passa existir uma dificuldade notável que volta a ser afirmado por alguns entrevistados.

V.D aluno que naquele momento cursava pedagogia e já estava atuando na área por ser concursado, expressou-se extremamente firme na sua decisão pela escolha do curso, a qual afirmou que foi uma das primeiras opções no mercado de trabalho, justificando que ingressou na pedagogia por gostar de criança, e a sua dificuldade que sentiu em nenhum momento foi a



alguma disciplina do curso, mas “foi de ouvir de algumas pessoas que o curso, servia somente para mulheres”. Demonstrando descontentamento ao ouvir esses tipos de comentários V.D faz uma reprovação argumentando ao ser questionado sobre qual seria sua percepção a partir da experiência que havia adquirido no seu processo de formação, e como reflete o curso para os homens. Vejo um curso como qualquer outro qualquer, como podem observar até o exercício trabalham pessoas de sexo diferente.

Em seus comentários durante a entrevista, seus depoimentos foram transmitidos com afinco, como por exemplo, ao inserir no curso disse que teve como perspectiva em se tornar um profissional eficiente, e que todas as profissões quando bem executada tem seus valores. Dados outros momentos declarou que ao terminar o curso tem como principal objetivo, sempre melhorar e ser eficiente; e em suas palavras expressa.

(...) buscar sempre e dar o melhor de mim, trabalhar em conjunto com os demais profissionais da educação com objetivo de fazer um trabalho eficiente. Me especializar em educação infantil e como sou concursado na área seguir carreira.

A maior parte dos alunos do gênero masculino, quando se insere no curso de pedagogia, de certa maneira a escolha não é intencional, em outros momentos identificamos que quando não é por aperfeiçoamento na área da educação, a escolha acaba se tornando outra, assim deduzimos de forma mais peculiar que os homens preferem muitas das vezes escolher cursos que tem mais a “ver com o gênero masculino” como já foi expresso em diversos momentos no decorrer da pesquisa. Além das demais considerações da subjetividade de escolha esta presente, e a sociedade influenciando na opção do curso. Como vimos num dos comentários do entrevistado que sofreu a dificuldade por optar a fazer um curso que teoricamente é para mulheres em um senso comum.

Ingressar no curso por indicação de algum parentesco ou conhecido próximo foi um dos fatores da escolha como também já se foi explicito, no breve contexto do aluno em formação continuada K.O, outros por trabalhar numa instituição de educação não como professor, mas em departamentos ligados diretamente a educação foi fundamentalmente importante para escolha. Segundo Cambi(1999, p.13)



(...) a história da educação amplia a memória e a experiência, o leque de escolhas e possibilidades pedagógicas, o que permite um alargamento do repertório dos educadores e lhes fornece uma visão de extrema diversidade das instituições escolares no passado. Para além disso, revela que a educação não é um “destino”, mas uma construção social, o que renova o sentido da ação quotidiana de cada educado.

A ampliação para a carreira na área de educação e as possibilidades que o curso de pedagogia oferece é notoriamente, por conseguinte acabou se tornando mais atrativa principalmente ao gênero masculino no curso conforme os relatos dos entrevistados, pois é perceptível que muitos que cursa pedagogia não pretendem lecionar diretamente para a educação infantil, isto num contexto geral, como demonstrativo entre os próprios participantes da entrevista em suas percepções. Apesar de situam em alguns momentos que pretendem lecionar para crianças não fica apenas nisso, esses alunos pretendem lecionar para educação de jovens e adultos, um exemplo disto é em suas respostas nas entrevistas semiestruturada, desta também foi realizada como metodologia à pesquisa qualitativa x quantitativa, pois a pesquisa teve como objetivo não apenas buscar números, mas também o modo comportativos com maior abertura aos entrevistados para se sentirem mais a vontade. Observamos através do parlatório, suas expectativas depois de formados dentre elas A.L expressa que:

Lecionar, ter uma experiência considerável com a educação básica, fazer um mestrado em EJA assim como trabalhar lecionando, aulas para essa área. Esses são os meus principais objetivo.

O aluno K.M em um comentário quase parecido diz que seus objetivos principais são: “Atuar nas series iniciais, Unir a informática a didática que a pedagogia me proporciona atuar no CEJA”. Sendo assim mais uma vez percebemos que a quantidade de homens na pedagogia não é apenas em atuar para crianças, e que difere em vários momentos suas intenções dentro da pedagogia, isto com afirmações através das respostas que foram expressas por estes alunos.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa a temática nos proporcionou o que o grupo já tinha como hipótese em relação ao contexto do aluno homem, dentre outros momentos as expectativas foram supridas, como principal análise em cada etapa foi diagnosticada e que a principio a óbice do homem em estagio de formação na pedagogia, foi à relação pedagogo x



criança. Porém outras relevâncias foi apresentado a qual pode se dar como principal e mais influente é o PERCONCEITO, o preconceito esta presente como centro na sociedade.

Pode se entender que o primordial como nas entrevistas os próprios alunos homens vê desta forma é que os pais não aceitem muitas das vezes um professor dar aula para seus filhos, pois envolve a preocupação natural, como por exemplo, associação à pedofilia, passando assim a questão de sempre existir desconfiança, influenciando a escola na escolha de seus educadores com receio do “pior” e comprometer a imagem da instituição. Por outro lado os próprios pedagogos com receio de todos esses aspectos que engloba o preconceito e maus olhares acabam optando por outras áreas dentro da pedagogia, sabendo disso o foco de muitos alunos acabam direcionando para outros setores como gestão e outras que o salário seja mais agradável, poucos que decidem lecionar não é necessariamente para as series iniciais, e sim pela educação de jovens e adultos. Outros sentidos que os entrevistados afirmaram é o auto julgamento em relação a sua sexualidade e diretamente a carreira profissional. Segundo o entrevistado A.L ao ser questionado se havia tido algum tipo de preconceito o mesmo afirmou que sim tanto sociedade como na própria família, na família muitas das vezes por cursar pedagogia foi motivo de chacota e brincadeiras que envolvia sua sexualidade.

Considerações finais

Buscou-se nesta pesquisa apresentar os olhares de alunos homens sobre o curso de pedagogia ainda no seu processo de formação, tendo como objetivo compreender a escolha do curso e suas percepções desses alunos, tendo como esses objetivos todas às hipóteses e questões a respeito da temática foram supridas.

Dentre os entrevistados o grupo obteve um breve documentário de um pedagogo já graduado em licenciatura plena em pedagogia ao qual nos proporcionou relevantes pontos, como a relação de preconceito que enfrentou suas dificuldades e as suas perspectivas ainda na sua formação, deste ao qual ate então esta em formação continuada na área de educação.



Dessa maneira o grupo compreendeu que com uma temática voltada a estudos contemporâneos, existe sim o preconceito pela escolha do curso, e em todos os momentos embasados nos alunos homens que participaram da pesquisa, e que logo identificamos como relevância a quantidade de alunos participantes no desenvolvimento deste artigo, conforme os levantamentos, observação e trocas de informações foi possível para que houvesse participantes e ao meio disso nos proporcionou uma visão diferenciada em fatores de gêneros, como por exemplo, foi perceptível que esses alunos não se sentem inferiores mesmo que culturalmente o curso de pedagogia é dado como “errado” para homens e que os retrata e rótula desta forma, e por estar em menor numero no curso. Ao contrário esses alunos têm como ideais de transformação e de maior participação no modelo educacional de ensino e na relação professor e aluno e na própria representatividade do homem na pedagogia.

Segundo Venturini (2013, p.13) “Cabe ressaltar que o gênero pertence a uma esfera social em que não há uma posição única, consensual e harmoniosa que represente a sociedade em sua totalidade”. E é nesse contexto que os alunos buscam exprimir e quebrar um tabu cultural de que pedagogia é profissão para mulher, e com interesses de se tornar cada vez mais influentes na pedagogia e com percepção que o homem é apenas mais um aluno. Nessa percepção como já foi citado ainda no desenvolvimento da pesquisa que esses alunos se veem como “um guerreiro disposto a superar preconceitos, e barreiras, pelo propósito de ensinar”. Este é o maior desafio estabelecido pelos alunos homens para escolherem uma profissão do seu interesse e se realizarem como profissionais e como cidadãos.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: ed. Unesp, 1999.
- GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. ed. Porto: 1999. 272p.
- SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças pequenas**. Educação das crianças de 0 a 6 anos - G.T. 07, 2002. UFSC.



VENTURINI, Ângela Maria. CNS: **retrato da resistência discente**. Campinas, SP: XVI ENDIPE, Unicamp, 2012. Livro 2 (24-32).

_____. A feminização na educação infantil: uma questão de gênero. **Revista Científica Digital da FAETEC: EDU. TEC**, v1, n1, p.1-15, 2013. Disponível em:

<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/A%20FEMINIZA%C3%87%C3%83O%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>. >Acesso em: 25 de maio, 2016.